Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: Porantim
Data: junho/julho/82
Class.: 130
Pg.: 13

Indios Cinta-Larga são massacrados no Aripuanã

Dezenove anos depois do "Massacre do Paralelo 11", outro massacre de índios **Cinta Larga** voltou a acontecer no Estado de Mato Grosso. As notícias, que chegaram da região bastante imprecisas, falam de 12 mortos - homens, mulheres e crianças, que constituíam um grupo arredio e foram abatidos a tiros de carabina calibre 38, na região do Alto Rio Guariba, próximo ao Rio Roosevelt, no município de Aripuanã, MT.

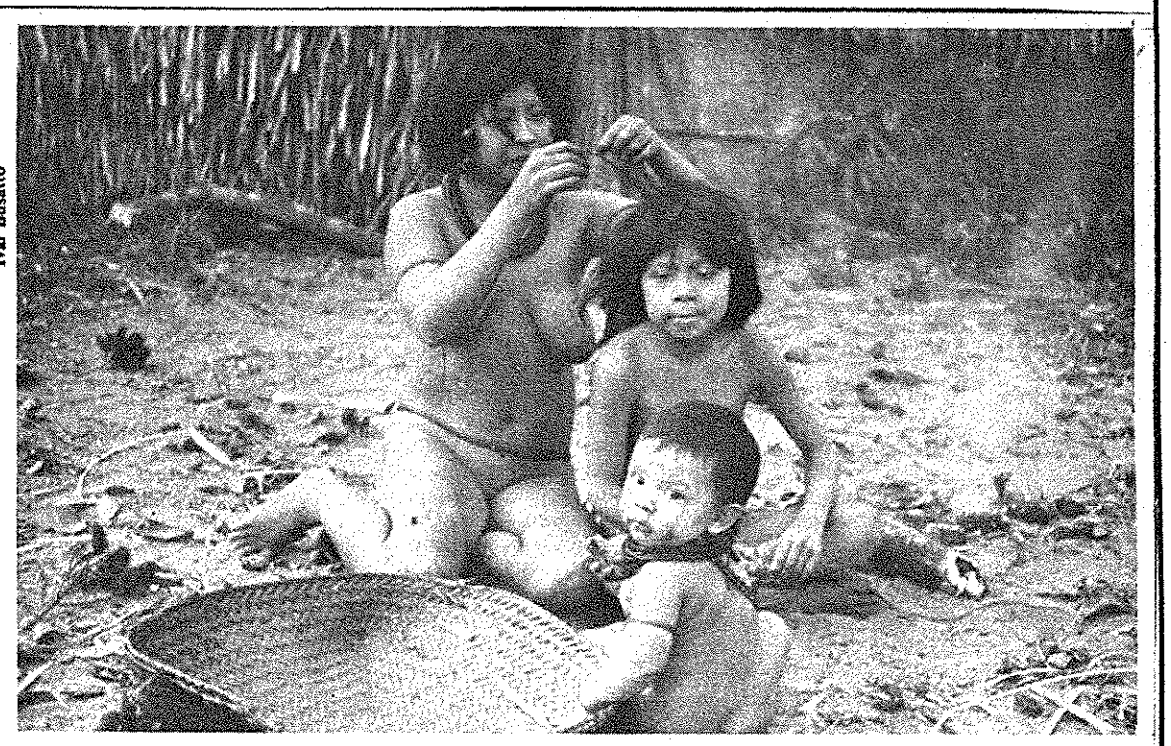
Na vila de Aripuanã, os comentários são contraditórios. Segundo alguns garimpeiros, a chacina teria sido cometida pelos peões da fazenda Santa Helena, situada à margem esquerda do Guariba, propriedade do grupo empresarial Parizotto, também conhecido como **Atacadão.** A fazenda, que já conta com uma pista de pouso de 800 metros e agora está formando seus pastos, estaria tentando limpar a área, pois a existência de aldeamentos indígenas invalidaria seus direitos à propriedade das terras. Os empregados da fazenda, porém, procuram responsabilizar uma turma de garimpeiros que invadiu o território indígena à procura de ouro. O piloto que atende a fazenda, Isaías Batista, confirmou ter ouvido comentários sobre o massacre, mas negou que tenha acontecido nas proximidades da sede da fazenda ou que seus empregados estejam envolvidos. Já o gerente da fazenda, de nome Mauro, informa haver vistoriado a área, a mando da diretoria do Parizotto, tendo encontrado apenas um garimpeiro, que se retirava, pois os índios estariam hostilizando o garimpo recém-aberto. Como o acampamento dos garimpeiros estava fora da área da fazenda, a 40 Km da sede, o gerente não prosseguiu a vistoria.

Somente no dia 10 de maio, a pedido da 8ª Delegacia Regional da Funai, em Porto Velho - RO, alguns agentes da Polícia Federal dirigiram-se a Aripupara investigar o crime. Desconhece-se até o momento os resultados da investigação policial.

O recente massacre faz recordar as operações para "limpeza de área" praticadas contra os **Cinta Larga** nas décadas de 50 e 60 por empresas seringalistas e de mineração. Destes crimes, ganhou maior repercussão o chamado "Massacre do Paralelo 11", que dizimou uma maloca **Cinta Larga** situada às margens do rio Aripuanã, promovido em 1963 por um facínora de nome Francisco Amorim de Brito, então arrendatário do seringal de propriedade da firma Arruda e Junqueira. O "Massacre do Paralelo 11" gerou, na época, denúncias da opinião pública internacional sobre a prática de genocídio contra os índios no Brasil.

Atualmente o povo **Cinta Larga**, reduzido por massacres e epidemias de gripe a menos de mil indivíduos, continua sendo vítima do avanço impiedoso das frentes de expansão da sociedade nacional. Nenhuma das quatro áreas a eles destinadas- Parque Indígena Aripuanã, Posto Indígena Roosevelt, posto Indígena Serra Morena e Área Indígena Aripuanã - está livre do assédio dessas frentes pioneiras, constituídas principalmente por fazendas e firmas de mineração.

NO P.I. Serra Morena, a própria Funai concedeu licença para que Raul Espanhol, associado ao empresário Paulo Rubens, explore diamantes no leito do rio Aripuanã, dentro da área indígena, expondo os índios ao contato indiscriminado com garimpeiros. Também ali, devido a informações contraditórias a respeito dos limites da área, algumas fazendas estão grilando terras nas proximidades do igarapé Furquim, afluente do rio Aripuanã.



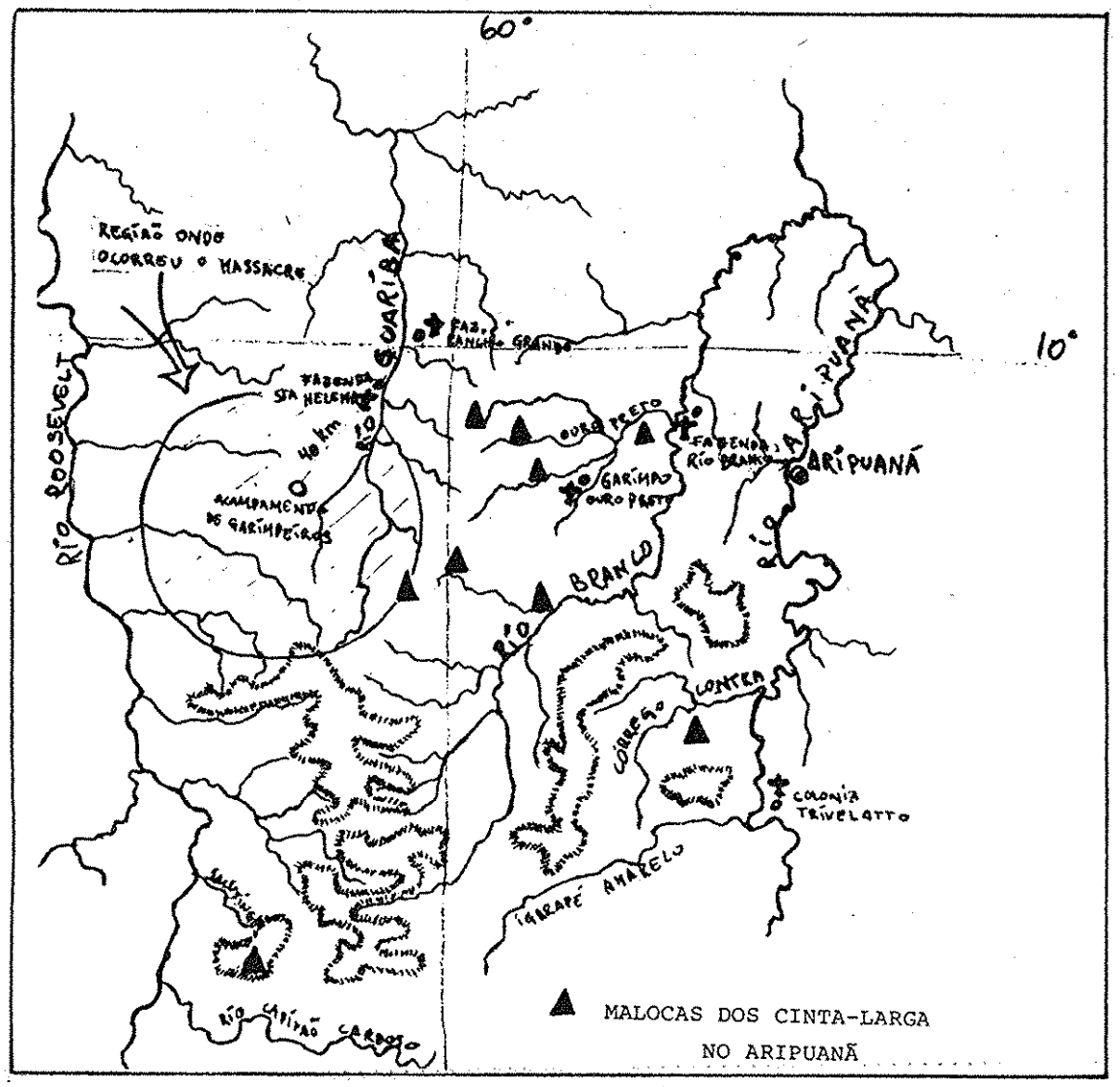
Ivar Busatto

A vida pacífica na aldeia. De repente, porém, chegam os invasores...

Assim foram mortos os Cintas Largas: Chico Luís empunhava uma metralhadora, enquanto os outros atiravam com revólveres calibre 35 e rifles "papo amarelo". Os silvícolas foram mortos quando montavam suas choupanas. Não tiveram sequer tempo de armar seus arcos e flechas.

O Globo

A recente chacina faz recordar o "Massacre do Paralelo 11", de 1963



já na Área Indígena Aripuanã, garimpeiros invadiram o Garimpo Ouro Preto, entrando em conflito com a firma Amcon Mineração e Exploração Ltda. A firma, de capital financeiro norte-americano, pretende resguardar "seus direitos" à exploração exclusiva das jazidas de ouro, existentes na área indígena. A presença de garimpeiros e de funcionários da firma tem sido fator de desagregação da comunidade indígena e fonte de transmissão de doenças infecto-contagiosas. Na mesma área, na região do Guariba, a firma J. Pena Topografia abriu recentemente picadas demarcatórias invadindo o território indígena. Também a já citada fazenda Santa Helena havia aberto picadas à margem direita do Guariba, nas proximidades de duas malocas ali situadas.

Estes fatos, somados ao recente massacre dos 12 índios na região do alto Guariba, demonstram a fragilidade das áreas indígenas frente ao avanço da sociedade nacional. Na falta de uma vigilância sistemática por parte da Funai, o povo **Cinta Larga** está ameaçado de perder completamente seu território. Após terem resistido por mais de 30 anos às investidas de seringueiros, garimpeiros e caçadores de peles, os **Cinta Larga** estabeleceram relações amistosas com os "civilizados" no começo da década de 70. Mas enganaram-se ao pensar que esses "civilizados" respeitariam sua terra, sua cultura ou sua vida. **(João Dal Poz).**